

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**RUTH MARQUES BATISTA**

**O SILENCIAMENTO DA MULHER NO SÉCULO XIX: VIDA, OBRA E  
APAGAMENTO DE NARCISA AMÁLIA NO CÂNONE LITERÁRIO  
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, da  
Universidade do Estado do Amazonas, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Letras.

**RUTH MARQUES BATISTA**

**O SILENCIAMENTO DA MULHER NO SÉCULO XIX: VIDA, OBRA E  
APAGAMENTO DE NARCISA AMÁLIA NO CÂNONE LITERÁRIO  
BRASILEIRO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia  
Orientadora

---

Professora Msc. Dilce Pio Nascimento  
Avaliadora Interna

---

Professor Msc. Wesley Dias Cerdeira  
Avaliador Externo

## **Agradecimentos**

A Deus, em primeiro lugar, pela força e coragem concedidas ao longo de toda esta caminhada. Aos meus pais, Teodoro Henriques e Valquiza Marques, pelo incentivo constante e por sempre acreditarem no meu potencial. Ao meu esposo, Luiz Paulo, meu porto seguro e maior incentivador; sem o seu apoio, eu não teria conseguido chegar até aqui, pois, durante todo esse percurso, ele foi minha força, encorajando-me a prosseguir.

Aos meus filhos, Luiz Otávio e Ingrid Rafaela, que são minha maior inspiração e a razão de cada conquista; se alcancei este objetivo, foi por vocês e para vocês. À minha sogra, Fátima Batista, pela dedicação e cuidado ao zelar por meus filhos, permitindo que eu me dedicasse aos estudos; sua ajuda foi fundamental para que eu atingisse esta meta.

Aos meus irmãos, pelo apoio constante e pelas mensagens de carinho e incentivo ao longo da jornada. Às amigas que construí nesse percurso – Lia Ester, Loiana Sanches e Geane Sales –, cuja amizade foi essencial nos dias mais difíceis.

À minha orientadora, professora doutora Gleidys Maia, pela paciência, disponibilidade e pelas orientações rigorosas e sensíveis, fundamentais para a construção desta pesquisa. Aos professores que contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica professor Grizoste, professora Dilce Pio, professora Delma, professora Patrícia, professora Edinelza, professora Maria Celeste, professor Elizeu e aos demais docentes, expresso minha sincera gratidão.

# O SILENCIAMENTO DA MULHER NO SÉCULO XIX: VIDA, OBRA E APAGAMENTO DE NARCISA AMÁLIA NO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

*Ruth Marques Batista*<sup>1</sup>

*Gleidys Meyre da Silva Maia*<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho busca investigar a ocorrência de silenciamento da mulher no século XIX por meio da análise da trajetória, e do apagamento da escritora e jornalista Narcisa Amália do cânone literário brasileiro. A pesquisa discute como fatores históricos e culturais, fortemente marcados pelo patriarcado e pela escravidão, operaram para deslegitimar e invisibilizar a autoria feminina em um contexto social no qual a literatura era um importante campo de disputa simbólica. Utilizando abordagens qualitativas e métodos dialético e hipotético-dedutivo, o estudo contempla a contextualização histórica, a análise das obras de Narcisa Amália – especialmente a coletânea “*Nebulosas*” publicada em 1872 –, além de documentos de época, críticas e reflexões provenientes dos estudos de gênero e crítica feminista. Os resultados demonstram que a exclusão da escritora do cânone não se deu por ausência de qualidade literária, mas sim por critérios políticos e pelo preconceito de gênero que permearam a fundação da tradição letrada nacional. Assim, o trabalho reafirma a importância de revisões críticas que resgatem trajetórias de autoras marginalizadas e promovam o reconhecimento da diversidade intelectual feminina na formação da literatura brasileira.

Palavras-chave: Narcisa Amália, gênero, silenciamento feminino, cânone literário.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do oitavo Período de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora e pesquisadora do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

## **Abstract**

This work seeks to investigate the silencing of women in the 19th century through an analysis of the trajectory and erasure of the writer and journalist Narcisa Amália from the Brazilian literary canon. The research discusses how historical and cultural factors, strongly marked by patriarchy and slavery, operated to delegitimize and render invisible female authorship in a social context where literature was an important field of symbolic dispute. Using qualitative approaches and dialectical and hypothetical-deductive methods, the study includes historical contextualization, analysis of Narcisa Amália's works – especially the collection "Nebulosas" –, as well as period documents, critiques, and reflections from gender studies and feminist criticism. The results demonstrate that the writer's exclusion from the canon was not due to a lack of literary quality, but rather to political criteria and gender prejudice that permeated the foundation of the national literary tradition. Thus, this work reaffirms the importance of critical reviews that recover the trajectories of marginalized female authors and promote the recognition of female intellectual diversity in the formation of Brazilian literature.

Keywords: Narcisa Amália, gender, female silencing, literary canon.

## Introdução

A literatura brasileira é rica e diversa, e ao longo da história evidenciou as diferenças sociais, raciais e de gênero existentes no seio da sociedade brasileira. Mesmo em um ambiente em que a liberdade e força artística deveria prosperar, é comum encontrar casos em que vozes foram silenciadas, personagens apagados e que a misoginia e o racismo conseguiram prevalecer sobre as liberdades individuais.

No século XIX a sociedade brasileira era basicamente patriarcal e ainda com raízes profundas na escravidão. Nesse ambiente, o silenciamento das mulheres era regra, mas mesmo com todas as dificuldades impostas, algumas mulheres conseguiram sobrepor essa realidade e se sobressaíram ao conseguir deixar um legado principalmente na literatura. Esse trabalho propõe estudar a vida, obra e o apagamento de Narcisa Amália do cânone literário brasileiro. A pesquisa busca compreender como a condição de gênero impactou a trajetória da escritora Narcisa Amália, contribuindo para sua exclusão dos registros oficiais da literatura brasileira.

A poesia de Narcisa Amália se caracteriza por um forte engajamento social e político, refletindo as inquietações de seu tempo e evidenciando uma postura crítica diante das estruturas vigentes. Conforme observa Barbosa (2003), a autora demonstra coragem e determinação ao propor mudanças e sonhar com uma sociedade mais justa, sendo que temas como o acesso do povo à educação e à instrução continuam relevantes na atualidade.

Parte-se, assim, da hipótese de que o gênero de Narcisa Amália foi um fator determinante para seu apagamento do cânone literário brasileiro do século XIX, investigando sua trajetória, sua produção literária e os mecanismos socioculturais que colaboraram para sua marginalização na historiografia literária nacional. De forma inicial deve-se investigar a vida e a obra de Narcisa Amália, compreendendo seu contexto histórico, social e literário no século XIX e analisar a construção da historiografia literária brasileira dos séculos XIX e XX, identificando os critérios que nortearam a formação do cânone e as práticas de exclusão de vozes femininas afim de refletir sobre a influência das questões de gênero no não reconhecimento de Narcisa Amália como escritora canônica, observando as relações de poder que permeiam a formação dos registros literários oficiais.

Pretende-se discutir os processos de apagamento, silenciamento e invisibilidade das mulheres na literatura brasileira do século XIX, utilizando como estudo principal a trajetória de Narcisa Amália afim de contribuir para a valorização e resgate da memória literária de escritoras marginalizadas, destacando a importância de uma revisão crítica da historiografia literária a partir dos estudos de gênero e da crítica feminista.

Parte-se da hipótese de que a condição de gênero de Narcisa Amália foi um fator determinante para sua exclusão do cânone literário brasileiro do século XIX, visto que a produção intelectual feminina, naquele período, era frequentemente marginalizada por uma cultura literária estruturada em valores patriarcais, que invisibilizavam as contribuições das mulheres na construção da literatura nacional.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, uma vez que busca compreender os fatores que contribuíram para o silenciamento e apagamento da escritora Narcisa Amália no cânone literário brasileiro do século XIX.

A abordagem qualitativa permite uma análise crítica dos discursos sociais, culturais e literários da época, centrando-se na relação entre gênero e reconhecimento literário. Para tanto, a pesquisa adota os métodos dialético e hipotético-dedutivo. O método dialético é utilizado na medida em que analisa as contradições presentes no processo de construção do cânone literário, confrontando as estruturas de poder, gênero e cultura que possibilitaram o apagamento da autora. O método hipotético-dedutivo é aplicado ao partir da hipótese de que o gênero de Narcisa Amália foi determinante para sua exclusão do cânone, buscando-se confirmar essa suposição a partir da análise de dados históricos e literários.

Os procedimentos metodológicos incluem pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica envolve o levantamento e análise de obras teóricas sobre história da literatura brasileira, estudos de gênero, crítica feminista e teoria do cânone, além da análise da obra literária e jornalística de Narcisa Amália. A pesquisa documental se dará por meio da investigação de documentos históricos, textos de época, críticas literárias, jornais e outros registros que permitam compreender o contexto de sua produção e recepção. A análise dos dados será conduzida por meio da análise de conteúdo, articulando os conceitos de gênero, e literatura, com o objetivo de compreender os mecanismos sociais e culturais que contribuíram para o silenciamento da autora e de outras mulheres no período.

## Historiografia literária, gênero e apagamento de autoras

A discussão sobre o silenciamento das escritoras brasileiras no século XIX, com ênfase em Narcisa Amália, exige uma leitura crítica da historiografia literária e das relações de gênero que estruturaram a cultura letrada brasileira. Nesse sentido, torna-se imprescindível articular contribuições da história das mulheres, da crítica feminista, dos estudos sobre a obra da autora e das reflexões acerca da constituição do cânone literário, compreendendo que nenhuma dessas dimensões atua isoladamente, mas em regime de mútua determinação.

Mary Del Priore, em *Mulher, mulheres: ontem e hoje* (Priore, 2021) e, como organizadora de *História das Mulheres no Brasil* (Priore, 2004) demonstra que a experiência feminina no Brasil se formou a partir de um paradoxo histórico: embora confinadas ao espaço privado e sujeitas a rígidas imposições morais e sociais, as mulheres também protagonizaram movimentos de resistência e ocupações simbólicas, ainda que estas tenham sido sistematicamente ocultadas nas narrativas oficiais. Nesse quadro, o apagamento das mulheres escritoras não se configura como fenômeno isolado, mas como parte de uma política histórica de silenciamento e deslegitimação do sujeito feminino. Segundo a autora, “enquanto algumas combatiam, através de ideias, pela melhora efetiva de suas vidas, outras sofriam na pele as dificuldades mais brutais e concretas da luta pela sobrevivência.” (Priore, 2021, p. 13).

As mulheres do século XIX eram socialmente destinadas aos papéis de submissão como mães, esposas e responsáveis pelo espaço doméstico, o que limitava severamente sua atuação intelectual. Quando buscavam escrever e publicar, muitas precisavam recorrer ao uso de pseudônimos, uma vez que a autoria feminina enfrentava forte resistência editorial e social. Como afirma Priore (2021)

as mulheres consagram-se três vezes mais que seus companheiros às atividades domésticas e parentais, e nesse campo, as cifras evoluem muito pouco. Quanto à representação política, mesmo se ela progrediu pouco no período mais recente, ela continua o mais flagrante bastião de desigualdades entre homens e mulheres. As mulheres têm ainda muito por conquistar. (Priore, 2021, p. 148).

Ao destacar a percepção que as mulheres se dedicam “três vezes mais que seus companheiros às atividades domésticas e parentais”, reforça ainda mais a permanência de uma divisão sexual do trabalho que, apesar dos avanços sociais, continua profundamente assimétrica. Essa constatação revela que o espaço doméstico ainda é compreendido como responsabilidade prioritariamente feminina, o que limita a plena participação das mulheres em outras esferas da vida social e

profissional. No campo político, a observação de que os avanços foram “poucos” e que esse permanece o “bastião mais flagrante das desigualdades” aponta para a persistente sub-representação feminina em cargos de decisão.

Trata-se, portanto, de uma realidade histórica e contemporânea: embora conquistas importantes tenham sido alcançadas, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos para alcançar igualdade plena. A afirmação final, “as mulheres têm ainda muito por conquistar”, funciona como um chamado à continuidade da luta por direitos, reconhecimento e equidade, mostrando que a superação dessas desigualdades depende de transformações estruturais e culturais urgentes.

Nesse contexto, a trajetória de Narcisa Amália revela-se emblemática. Embora inserida em uma sociedade patriarcal que silenciava sistematicamente as vozes femininas, a autora contou com o apoio familiar para estudar e desenvolver sua produção literária, tornando-se uma voz singular e à frente de seu tempo. Nesse período, as mulheres eram constantemente punidas, seja por expressarem suas ideias, seja por não aceitarem as posições subalternas que lhes eram impostas por uma sociedade majoritariamente masculina (Priore, 2021).

Dessa forma, torna-se inegável que as escritoras da época foram excluídas do cânone literário não por falta de qualidade estética, mas por sua condição de gênero. O apagamento não se restringiu à figura de Narcisa Amália, estendendo-se também a outras autoras, como Nísia Floresta, cujas contribuições igualmente sofreram marginalização na historiografia literária brasileira.

A crítica feminista reforça essa percepção. Telles (2025) em *As mulheres loucas da literatura*, evidencia que a representação da mulher como figura associada à histeria, desvio e irracionalidade funcionou como dispositivo de controle e exclusão intelectual. Oliveira e Ramos (2020) em *O anjo doméstico que perturbou as escritoras do século XIX*, ampliam essa percepção ao analisar o mito do “anjo do lar”, que serviu como instrumento ideológico para enquadrar a mulher no papel doméstico e docilizado, interditando sua autonomia intelectual. Tais formulações revelam que o silenciamento feminino opera tanto pelo discurso quanto pela prática institucional de apagamento. As autoras afirmam que “Historicamente a condição social da mulher foi marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas com o argumento de que, as mulheres tinham capacidade intelectual inferior à dos homens” (Oliveira; Ramos, 2020, p. 72).

Tal argumento ultrapassa o século XIX e ainda se manifesta na contemporaneidade, evidenciando a persistência de discursos que atribuem às mulheres uma suposta incapacidade intelectual ou menor competência em relação aos homens. Esses enunciados, transmitidos de geração em geração, acabam por produzir formas de internalização que reforçam a desvalorização feminina e legitimam estruturas sociais desiguais.

É nesse contexto que se insere a trajetória de Narcisa Amália: embora tenha obtido espaço para escrever, sua atuação intelectual foi marginalizada, e sua obra permaneceu pouco difundida ao longo do tempo. Essa invisibilidade percebida a partir da análise da historiografia nacional, revela a necessidade de recuperar e divulgar autoras silenciadas pelo cânone literário, de modo a reparar apagamentos históricos e ampliar a compreensão do papel das mulheres na formação da literatura brasileira.

O caso de Narcisa Amália, como demonstram Coutinho (2024) e Faedrich (2017), estabelece uma profunda dicotomia entre sua produção literária prolífica e o espaço destinado a ela no cânone literário oitocentista brasileiro. Mesmo Narcisa tendo atuado intensamente na imprensa, na crítica e na poesia, sua presença foi gradualmente eclipsada pela historiografia literária posterior, evidenciando que a exclusão não decorreu de ausência de produção, mas de critérios seletivos pautados por gênero e poder. Faedrich (2017) aponta que a autora foi deliberadamente alijada de antologias e registros literários, comprovando que a marginalização feminina obedece a um padrão sistemático e não à falta de relevância estética.

No campo teórico, autores como Durão (2014) e Coutinho (2024) fornecem ferramentas para compreender a dimensão política do cânone. Durão (2014) discute a aparente irrelevância social da literatura para, de forma paradoxal, demonstrar como essa “marginalidade” permite a manutenção de hierarquias simbólicas; Coutinho (2024), por sua vez, denuncia a reprodução de lógicas excludentes no âmbito acadêmico. Para Durão (2014, p. 8), “a fragilidade do mundo das letras é fruto de sua absoluta falta de relevância social”, mas essa suposta fragilidade permite justamente a perpetuação de disputas simbólicas que silenciam sujeitos e estéticas não hegemônicas.

Assim, a noção de cânone revela-se inseparável das relações de poder. Como observa Silva (2020, p. 96), o cânone brasileiro foi historicamente formado “por homens de origem europeia, supostamente heterossexuais e cisgêneros”, o que reforça a exclusão de autorias femininas e de sujeitos racialmente subalternizados.

Logo, em vez de mera lista de obras consagradas, o cânone deve ser entendido como construção social, política e ideológica, um dispositivo de legitimação que delimita quem tem direito à memória literária e quem é condenado ao esquecimento.

Nesse horizonte, a revisão historiográfica torna-se um gesto crítico e reparador: resgatar Narcisa Amália não significa apenas reinserir um nome marginalizado, mas contestar a estrutura patriarcal que sustentou a tradição literária brasileira. Trata-se de deslocar o olhar, tensionar narrativas e propor uma historiografia mais plural, capaz de reconhecer a diversidade de sujeitos que produziram cultura no Brasil oitocentista e cujas vozes, deliberadamente silenciadas, demandam reintegração no espaço literário e acadêmico.

### **A Mulher Oitocentista: A Excluída do Cânone Literário**

Ao analisar o cânone literário brasileiro, percebe-se uma formação majoritariamente composta por textos de autores homens, de origem europeia, cisgêneros e heterossexuais, padrão que reflete e reforça as hierarquias sociais dominantes. Esse fenômeno evidencia a exclusão de grupos marginalizados, como mulheres, negros, indígenas e outros sujeitos que não se encaixam nesse perfil e, portanto, não têm suas obras reconhecidas ou preservadas. Filho e Freire (2020) afirmam que:

Embora o tema "mulheres produzindo literatura" tenha sido negligenciado durante anos pelos estudos literários, são inegáveis as contribuições dos escritos femininos para a literatura tanto universal quanto brasileira. Mesmo diante de um cenário conservador e patriarcal, onde a mulher não era bem vista por enveredar numa seara tipicamente masculina, algumas corajosas mulheres resolveram romper com esse estigma e escreveram novas páginas na história de luta pelo reconhecimento do valor literário da escrita feminina (Filho; Freire, 2020, p. 83151).

O fragmento destaca, de maneira clara e crítica, um ponto fundamental para os estudos de gênero e para a historiografia literária: a marginalização histórica das mulheres que ousaram ingressar no campo da escrita. Ao afirmar que o tema "mulheres produzindo literatura" foi negligenciado durante anos, o texto recupera uma realidade amplamente discutida pela crítica feminista, qual seja, a de que a literatura, como instituição social, sempre funcionou sob lógicas patriarcais que definiam quem podia ou não ocupar legitimamente o espaço da autoria.

A passagem também evidencia o caráter transgressor dessas mulheres, que, mesmo inseridas em um contexto de rigidez moral e vigilância social, desafiaram

normas de gênero e produziram obras que ampliaram o repertório cultural. O fragmento utiliza termos como “corajosas” e “romper com esse estigma”, ressaltando não apenas o ato da escrita, mas o gesto político que ele representava: ao escreverem, essas autoras não apenas produziam literatura, como também questionavam a estrutura de poder que as excluía.

Além disso, a observação sobre as contribuições femininas para a literatura universal e brasileira reforça a necessidade de revisitar o cânone, ampliando-o para incluir vozes antes silenciadas. Esse trecho, portanto, cumpre duas funções: denuncia a exclusão histórica das mulheres e, simultaneamente, valoriza o papel transformador de suas produções, apontando para uma revisão crítica que vem sendo construída pelos estudos literários contemporâneos.

No entanto, a história da mulher no Brasil oitocentista, longe de constituir um quadro homogêneo, reflete um campo de lutas e transformações, em que diferentes mulheres, em contextos variados, buscaram superar as barreiras impostas pela sociedade patriarcal. Enquanto algumas, por meio de ideias e intervenções públicas, lutavam pela melhoria efetiva de suas condições de vida, muitas outras enfrentavam as dificuldades concretas e brutais da luta pela sobrevivência.

Penso que o Brasil, passados quinhentos anos de nossa história, as mulheres estão mais preocupadas em questionar e interrogar sua identidade, do que em opor-se aos homens. Penso que para a mulher brasileira, é mais importante conhecer seu passado, o de suas mães e avós para melhor visualizar e estruturar seu futuro, sua relação com a família e o trabalho, do que polarizar debates com seus companheiros, pais e irmãos (Priore, 2021, p. 133).

É possível perceber que o movimento de afirmação da identidade feminina no Brasil, em vez de se concentrar em uma oposição direta entre mulheres e homens, passou a enfatizar a busca pelo autoconhecimento, pela reconstrução de memórias e pela compreensão da trajetória histórica das próprias mulheres. Essa mudança de enfoque desloca o debate do confronto para a construção, na medida em que conhecer o passado pessoal, familiar e coletivo se torna instrumento fundamental para compreender as condições do presente e projetar novos caminhos para o futuro

Ao destacar a importância de recuperar a história das mães e avós, o texto reforça a ideia de que a identidade feminina não se forma isoladamente, mas por meio de um legado que foi, por muitos anos, silenciado ou invisibilizado. A genealogia feminina aparece, aqui, como chave interpretativa essencial para compreender as possibilidades e limitações impostas às mulheres ao longo das gerações. O argumento

também critica a polarização de debates entre homens e mulheres, indicando que essa oposição tende a obscurecer questões estruturais mais profundas, como desigualdade, memória apagada e falta de reconhecimento histórico. Em vez disso, a autora sugere que o empoderamento feminino nasce da compreensão de si mesma e de sua própria história, o que permite às mulheres reposicionarem-se socialmente com maior autonomia e consciência crítica.

Essa ambivalência na trajetória feminina no Brasil é explorada de maneira notável pela historiadora Mary Del Priore que, ao traçar a evolução histórica das mulheres brasileiras, destaca tanto suas lutas por direitos quanto suas contribuições nas mais diversas esferas da sociedade, desde a colonização até os dias atuais. A trajetória feminina no país é marcada por uma diversidade de identidades e papéis que variam conforme o tempo e o espaço, refletindo as complexidades de gênero na história social brasileira.

## **A Mulher no Século XIX**

O século XIX foi um período de transformações significativas para as mulheres brasileiras, especialmente após a Independência. Nesse contexto, elas conquistaram espaços importantes na educação e no mundo do trabalho. A feminização do magistério, por exemplo, tornou-se evidente, com um número crescente de mulheres atuando como professoras. Além disso, escritoras como Nísia Floresta e Narcisa Amália passaram a utilizar a escrita como forma de reivindicação de direitos, refletindo uma crescente participação política feminina.

Em meio a um cenário desolador, por ser a profissão de escritor tida como masculina, as primeiras mulheres que se encorajaram a escrever, ficaram sem projeção, esquecidas, negligenciadas. Suas produções, grande parte delas, eram apresentadas ao público sob alcunha masculina, pseudônimos utilizados para que suas obras não fossem estigmatizadas pelo simples fato de serem mulheres escrevendo num terreno majoritariamente masculino (Filho; Freire, 2020, p. 83.150).

É evidente as barreiras históricas enfrentadas pelas primeiras mulheres que ousaram ingressar no campo literário, então rigidamente marcado pela hegemonia masculina. A escrita feminina, considerada inadequada ou inferior, era frequentemente silenciada ou deslegitimada, o que levou muitas autoras a recorrerem a pseudônimos masculinos como estratégia para evitar o estigma associado à autoria de mulheres. Essa prática revela a desigualdade estrutural que permeava o ambiente intelectual do século XIX, evidenciando que a exclusão não se relacionava à qualidade das obras, mas ao gênero de quem as produzia.

É digno de reflexão observar que esse processo de exclusão não se limitava à qualidade das obras, mas ao gênero de quem as produzia. A marginalização de autoras frequentemente esquecidas ou apagadas da memória literária demonstra que a desigualdade não era circunstancial, mas profundamente arraigada nas hierarquias sociais e culturais da época. Ademais, embora o cenário contemporâneo tenha avançado significativamente, resquícios dessa lógica ainda persistem, evidenciando que os estereótipos de gênero continuam a influenciar a recepção e a valorização da produção intelectual feminina.

É nesse contexto que se insere a figura de Narcisa Amália de Campos, poetisa que, apesar de sua relevância na literatura brasileira oitocentista, não foi integrada ao cânone literário. Sua trajetória representa o afastamento de muitas mulheres da literatura oficial, movimento que ainda persiste na história literária. Sua obra, muitas vezes esquecida, constitui-se em forma de resistência e de questionamento dos padrões sociais de sua época.

### **Narcisa Amália: Uma Escritora à frente de seu tempo**

A escritora e jornalista brasileira Narcisa Amália de Campos é exemplo de como a produção literária feminina no Brasil oitocentista foi fortemente invisibilizada até muito recentemente. Conforme aponta a investigação de Faedrich (2017), Narcisa publicou, aos vinte anos, o livro de poemas *Nebulosas* (1872) e participou ativamente da imprensa periódica, construindo uma trajetória intelectual que se insere no contexto do Romantismo brasileiro. Segundo Faedrich (2017, p. 1), “ignoramos a literatura de autoria feminina do século XIX, não por falta de escritoras ou publicações de mulheres, mas por deliberado alijamento delas da história literária”. Esse diagnóstico aponta diretamente para o propósito do presente trabalho: problematizar o silenciamento das vozes femininas e, em especial, de Narcisa Amália no cânone e na historiografia da literatura brasileira.

No que tange à importância literária da autora, três tópicos principais se destacam. Primeiro, observa-se sua inserção formal no universo literário predominantemente masculino da época: ela ingressa no debate enquanto autora de poesia, jornalista e tradutora, atuando em jornais e revistas em um contexto em que muitas de suas contemporâneas não tinham acesso ou visibilidade. Sua participação no semanário “*O Sexo Feminino*”, por exemplo, é analisada como espaço de articulação entre literatura, imprensa e condição feminina no século XIX brasileiro (Ternero; Nunes, 2019).

Em segundo lugar, a obra de Narcisa dialoga com as gerações românticas brasileiras: nacionalista, ultrarromântica e condoreira, o que lhe confere lugar como autora capaz de abarcar múltiplos matizes do movimento literário nacional. (Faedrich, 2017) argumenta que, apesar de sua obra hoje ser tida como “esquecida”, a escritora conquistou “espaço neste universo restrito aos homens”. Em terceiro lugar, sua temática ultrapassa o simples lirismo sentimental: ela incorpora críticas à condição feminina, à educação das mulheres e à instrução intelectual, além de se conectar aos discursos abolicionista e republicano, o que amplia seu valor na interseção entre literatura e esfera pública.

Entretanto, o ponto central do presente estudo é o apagamento de Narcisa Amália no cânone literário brasileiro e o que esse apagamento revela sobre os mecanismos de silenciamento das mulheres escritoras no século XIX. Narcisa escreveu no jornal-anuário *O Sexo Feminino* e afirmou o seguinte:

"Entre nós a instrução, mesmo a mais elementar, tem até aqui constituído monopólio do homem. Ora, à medida que o homem sobe, a mulher desce, naturalmente, e essa diferença cria entre ambos uma profunda separação intelectual e moral que arrasta consigo todas as desordens do lar. Educada para agradar, de posse de algumas prendas, mais ou menos polida pela frequência dos saraus dançantes ou musicais, conhecendo os dramas do coração pelo romance ou pelo teatro, sem uma ideia séria, sem um plano determinado de vida, a menina brasileira transpõe sorrindo o limiar do casamento, com sua fronte sonhadora aureolada pelo véu da pureza e penetra sem consciência no que há de mais sério, de mais grave, de mais solene na terra; – a vida da família! (Amália, 1999, p. 31).

Nesse fragmento da crônica, Narcisa Amália faz uma crítica contundente à desigualdade educacional entre homens e mulheres no Brasil oitocentista e revela, com grande lucidez, os mecanismos ideológicos que sustentavam o silenciamento feminino. Ao afirmar que “a instrução [...] tem até aqui constituído monopólio do homem”, a autora denuncia a estrutura patriarcal que restringia deliberadamente o acesso das mulheres ao conhecimento, criando uma assimetria intelectual e moral que repercutia diretamente na vida doméstica e social.

A passagem enfatiza que a mulher era educada não para desenvolver autonomia ou pensamento crítico, mas para desempenhar papéis decorativos e afetivos: agradar, ser dócil, participar de saraus e cultivar habilidades superficiais. Esse modelo de instrução produz, segundo Narcisa, uma separação profunda entre homens e mulheres, pois, à medida que o homem progride intelectualmente, a mulher permanece estagnada, confinada a um ideal de pureza e romantização.

O trecho também critica a transição da jovem brasileira para o casamento. Narcisa expõe a ingenuidade forçada dessas mulheres, que “transpõem sorrindo o limiar do casamento” sem qualquer preparação para a complexidade da vida familiar. Essa falta de consciência não é natural, mas produzida por um sistema educacional que, intencionalmente, limita seu entendimento de mundo, mantendo-as em estado de dependência.

A reflexão de Narcisa Amália, portanto, ultrapassa a denúncia de uma injustiça educacional: ela revela a dimensão política do controle sobre a instrução feminina. Ao impedir que mulheres pensem, leiam criticamente e planejem seus próprios caminhos, a sociedade patriarcal assegura sua dominação e perpetua a desigualdade de gênero. A atualidade de sua crítica reforça a relevância de recuperar sua voz, frequentemente apagada do cânone, e de reconhecer o valor histórico e literário de suas intervenções.

A exclusão das mulheres da historiografia literária não se dá por escassez de produção, mas por um conjunto de fatores estruturais, entre eles a marginalização da autoria feminina, a baixa circulação de suas obras, a falta de reedições e o prejuízo crítico persistente (Nunes, 2011). A análise de Faedrich,(2017) mostra que a crítica da época e as narrativas historiográficas posteriores tenderam a descartar ou minimizar a produção feminina.

Assim sendo, reintroduzir Narcisa Amália no debate crítico não constitui apenas uma reabilitação individual, mas uma exigência metodológica para que a história literária brasileira se torne mais plural e justa. Dentro da abordagem de gênero e do estudo dos cânones literários, a obra de Narcisa permite evidenciar os efeitos da estrutura patriarcal na construção desses cânones e oferece um horizonte analítico para pensar as condições de visibilidade da mulher-escritora no Brasil oitocentista.

### **Vozes que resistiram: a instrução feminina e a denúncia do patriarcado por Narcisa Amália**

O discurso de Narcisa Amália evidencia uma crítica incisiva ao modelo educacional destinado às mulheres no século XIX, marcado pela máxima de que a mulher deveria ser “educada para agradar”. A autora demonstra profundo incômodo com o tratamento social dispensado às mulheres, cujo papel era rigidamente circunscrito às funções de boa filha, boa esposa e boa mãe. Qualquer comportamento que extrapolasse essas expectativas era considerado desvio ou anormalidade, constituindo mecanismo de controle que cerceava a autonomia feminina.

Nada há que justifique esse tenaz perseguição da mulher; e, entretanto, foi perpetuada de século a século! Na Ásia, de rosto sempre velado, ignorante e submissa como um cão, trabalhava, comia e chorava à vontade do senhor, sem que uma palavra de simpatia jamais lhe dilatasse o coração; na Índia, levavam-na mais longe: atiravam-na à fogueira no dia em que lhe expirava o marido! Em Babilônia era vendida em praça pública; em Esparta, escolhida ao acaso; em Atenas, circunscrita nos gineceus. Batida, aviltada e corrompida pelo homem, a mulher romana, por sua vez, bate, avilta e corrompe o homem no filho." (Amália, 1999, p. 31).

O fragmento de Narcisa Amália apresenta uma denúncia historicamente abrangente da opressão feminina, enfatizando como o controle sobre o corpo, a liberdade e a dignidade das mulheres constituem um fenômeno milenar e estrutural. Por meio de um percurso que atravessa diferentes culturas da Ásia à Índia, da Babilônia à Grécia, de Esparta a Roma, a autora demonstra que, embora variem as práticas, o princípio que sustenta a violência é o mesmo: a naturalização da inferioridade feminina.

A força retórica desse trecho está justamente na estratégia comparativa. Ao citar sociedades tão diversas, Narcisa evidencia que o patriarcado não é um acidente histórico ou cultural isolado, mas um sistema universalmente reproduzido. O uso de imagens contundentes, como a mulher indiana lançada à fogueira ou a mulher babilônica vendida em praça pública, não busca apenas chocar o leitor, mas expor a crueldade que, ao longo dos séculos, foi legitimada como norma social.

Além disso, ao afirmar que "nada há que justifique essa tenaz perseguição", a autora rompe com discursos que tentavam naturalizar a submissão das mulheres por razões biológicas, religiosas ou morais. Para Narcisa, a opressão feminina é construída socialmente e perpetuada por estruturas históricas de poder.

O fechamento do trecho, ao mencionar a mulher romana que, aviltada pelo homem, reproduz a violência nos filhos, é especialmente significativo: revela como a opressão, quando institucionalizada, gera ciclos contínuos de dominação. Não se trata de culpar a mulher, mas de demonstrar que a violência patriarcal é tão profunda que atravessa gerações e molda comportamentos.

É, portanto, uma poderosa crítica à lógica milenar de subjugação feminina e, ao mesmo tempo, uma convocação à reflexão: ao recuperar essa longa história de violência, Narcisa Amália denuncia a injustiça e reivindica a urgência de transformar um sistema que, por séculos, considerou a mulher como objeto, propriedade ou instrumento, nunca como sujeito pleno.

Esse contexto contribuiu significativamente para o apagamento histórico de Narcisa Amália que, apesar de seu talento e da admiração de escritores consagrados, como Machado de Assis, permaneceu à margem do reconhecimento literário. Para Narcisa, a manutenção da ignorância feminina configurava-se como estratégia deliberada de uma sociedade patriarcal que buscava neutralizar o potencial crítico das mulheres. Ao restringir o acesso delas à instrução, perpetuava-se sua subordinação e garantia-se sua conformidade com os papéis sociais impostos. Dessa forma, sua obra denuncia não apenas as limitações educacionais impostas às mulheres, mas também a estrutura de poder que sustentava tais práticas.

"A educação da mulher! Mas tem a mulher por acaso necessidade de ser educada? Para quê? Cautela! A mulher representa o gênio do mal sob uma forma mais ou menos graciosa e cultivar a sua inteligência seria fornecer-lhe novas armas para o mal. Procuremos antes torná-la inofensiva por meio da ignorância.

Guerra, pois, à inteligência feminil! Eis a palavra do século passado. O que diria a idade de ouro da selvageria, quando o homem tinha o direito de vida e de morte sobre a sua companheira? Quando a mulher lhe carregava a bagagem na emigração, a antílope morta – na caçada e roía os ossos em comum com os cães? Desprezada, embrutecida, castigada e vendida, a mísera arrastava o longo suplício de sua existência até que a morte viesse libertá-la e a pá de terra levantasse entre ela e o seu opressor uma eterna barreira.!" (Amália, 1999, p. 33).

A crônica de Narcisa Amália, publicada em semanários da época, aborda, de maneira crítica, a opressão sistemática sofrida pelas mulheres ao longo da história, articulando denúncia social, reflexão moral e crítica cultural. A autora demonstra que a subordinação feminina não é natural ou isolada, mas sim construída culturalmente e legitimada por práticas jurídicas, sociais e familiares patriarcais. No contexto brasileiro do século XIX, Amália denuncia o modelo de educação destinado às meninas, orientado exclusivamente para a obediência, a beleza e a graça social, relegando a instrução intelectual e moral a segundo plano, o que resultava não apenas na limitação da autonomia feminina, mas também na ruptura da intimidade conjugal, o chamado "divórcio moral", e na reprodução de desordens no lar, afetando a formação das crianças e consolidando um ciclo de subordinação social.

Essa crítica mostra como a condição de gênero impactou a trajetória de Narcisa Amália e contribuiu para seu apagamento no cânone literário brasileiro, uma vez que sua postura contestadora e engajada confrontava os valores patriarcais e a cultura literária masculinizada da época. Ao denunciar a ignorância imposta às mulheres e reivindicar educação, consciência moral e participação social, a crônica funciona como um manifesto feminista, demonstrando que a marginalização da autora

não se deve à falta de qualidade de sua produção, mas sim à ameaça que sua crítica representava para as estruturas de poder vigentes.

Dessa forma, o texto reflete a realidade das mulheres brasileiras do século XIX e também reforça a hipótese central deste estudo: a condição de gênero foi determinante para a exclusão de Narcisa Amália do reconhecimento literário canônico, tornando sua obra um exemplo paradigmático da luta feminina por visibilidade, instrução e igualdade social no período.

### ***Nebulosas***

*Nebulosas*, lançado em 1872 pela prestigiosa Editora Garnier, representou um marco decisivo na trajetória literária de Narcisa Amália. Único livro publicado pela autora, reúne 44 poemas que abordam uma ampla variedade de temas, combinando delicadeza formal, sensibilidade introspectiva e forte vínculo com a natureza, elementos que se articulam a uma perspectiva crítica capaz de dialogar com questões sociais e de gênero. A recepção da obra foi amplamente positiva: o livro conquistou elogios da crítica de sua época e chamou a atenção de importantes figuras do cenário intelectual e político, entre elas Machado de Assis e o imperador D. Pedro II. Contudo, a observação machadiana, “Não sem receio abro um livro assinado por uma senhora” (Amália, 2017, p. s/p) evidencia o preconceito de gênero então vigente, revelando que mesmo o reconhecimento concedido às escritoras do século XIX vinha frequentemente permeado por desconfiança e estereótipos.

Essa afirmação revela, de forma contundente, o ambiente intelectual e social do século XIX, marcado por profundas assimetrias de gênero. Embora Machado fosse reconhecido por sua sensibilidade crítica e pela observação refinada das relações sociais, sua declaração expõe o preconceito estrutural presente no campo literário, que frequentemente colocava em dúvida a capacidade intelectual das mulheres.

Esse “receio” não deve ser interpretado apenas como uma opinião individual, mas como sintoma de uma cultura que restringia a participação feminina na esfera pública, especialmente no espaço da escrita e da crítica. Escritoras como Narcisa Amália, ao publicarem suas obras, enfrentavam barreiras simbólicas e institucionais, eram avaliadas com desconfiança, sujeitas a julgamentos enviesados e, muitas vezes, orientadas a adequar seu estilo ou seus temas ao que se esperava do “universo feminino”

O fato de ele se pronunciar sobre a obra demonstra que a escrita de Narcisa Amália alcançou visibilidade e relevância suficientes para mobilizar a crítica da época. De certo modo, seu comentário funciona como documento histórico que confirma tanto a resistência masculina à entrada das mulheres no campo literário quanto o impacto das autoras que ousaram desafiar esse cenário.

Assim, a observação machadiana, ao mesmo tempo que carrega um olhar condescendente típico do período, destaca a importância de Narcisa Amália como pioneira: sua obra foi capaz de subverter expectativas e se afirmar em um espaço em que a presença feminina ainda era vista com desconfiança.

Os poemas de *Nebulosas* abordam temas como a escravidão e a desigualdade racial, demonstrando que Narcisa Amália estava à frente de seu tempo e alinhada às discussões sociais da época, ao inserir em sua produção literária debates de caráter político e social. Conforme observa Barbosa (2003, p. 2) em seu estudo sobre a autora, “em seus versos, ao mesmo tempo em que fala de sentimentos e temas familiares e do cotidiano feminino, também enfoca assuntos de cunho político, ideológico e social, iniciativa ousada para mulheres de sua época”. Essa observação reforça o caráter versátil de sua poética, que evita o confinamento nos tópicos tradicionalmente associados ao universo feminino e adota uma postura intelectual crítica e engajada

Do ponto de vista histórico, o período de maior produção de Narcisa Amália coincide com a crise do regime monárquico brasileiro. O Segundo Reinado, sob D. Pedro II, havia alcançado seu auge a partir de 1850, sustentado pela economia cafeeira e pela manutenção do sistema escravocrata. Esse contexto sociopolítico permeia muitos de seus poemas, entre os quais se destaca “O Africano e o Poeta”. Nessas composições, a autora atribui ao poeta o papel de sujeito historicamente consciente, capaz de denunciar as injustiças de seu tempo.

*Quem pensa? – o poeta  
Quem os carmes sentidos  
Concerta aos gemidos  
De seu coração  
Quem sente? – o poeta  
Que o elísio descerra  
Que vive na terra  
De místico amor.*

(Amália, 2017, p. 130)

Esses versos revelam a concepção de poeta como mediador sensível entre a realidade social e a expressão artística, responsável por traduzir em linguagem lírica o sofrimento coletivo. Ao unir crítica social e subjetividade, Narcisa Amália reafirma o lugar da poesia como instrumento de reflexão e resistência, consolidando sua importância na literatura brasileira oitocentista. Esse aspecto é abordado também em outros poemas de Narcisa, como, por exemplo, em “*Miragem*” e “*Vem*”.

A poesia vigorosa e socialmente engajada de Narcisa Amália alcançou ampla repercussão após a publicação de *Nebulosas*. Entretanto, a notoriedade não a poupou de críticas severas, sobretudo vindas de homens pertencentes ao ambiente literário da época. Muitos desses críticos, ainda que reconhecessem seu talento, recomendavam-lhe abandonar o caminho que trilhava, por considerarem inadequado que uma mulher assumisse posições firmes em público.

Como observa (Telles, 2025), as convenções culturais da época limitavam a expressão feminina a entonações de surpresa, submissão, incerteza, pedidos de esclarecimento ou entusiasmo ingênuo. Qualquer manifestação mais assertiva ou combativa, tida entre os homens como traço de força e personalidade, era vista, no caso das mulheres, como sinal de descontrole, má educação ou histeria. A deslegitimação social da figura feminina refletia-se, portanto, na deslegitimação de sua palavra.

Diante da ausência de argumentos críticos consistentes para desqualificar sua produção literária, parte da crítica recorreu a ataques pessoais contra Narcisa Amália, disseminando boatos difamatórios, acusações infundadas de atentado ao pudor e até suspeitas acerca da autoria de seus poemas. A escritora não permaneceu indiferente a tais pressões: em carta enviada ao jornalista Alfredo Sodré, em 1889, lamenta a dificuldade de afirmação intelectual da mulher em uma sociedade que a condiciona a expressões vazias e convencionais, impedindo que desenvolva plenamente seu potencial artístico.

Apesar do reconhecimento obtido, Narcisa manteve uma vida modesta. Na década de 1880, já consolidada nos círculos literários, trabalhava em uma padaria ao lado do segundo marido, em uma pequena cidade do interior. Sua trajetória pessoal sugere uma personalidade mais reservada do que a força expressa em seus poemas poderia indicar. A publicação de seu único livro, inclusive, só se concretizou graças ao incentivo do pai, seu grande apoiador, e do amigo e poeta Ezequiel Freire.

Para Narcisa, a poesia constituía um instrumento de luta pela liberdade, tanto dos outros quanto de si mesma, pois permitia a expressão de suas aspirações mais profundas. Dessa forma, os ataques dirigidos à sua produção poética configuravam-se também como ataques à sua própria identidade. As críticas impiedosas, somadas a dificuldades pessoais, contribuíram para silenciar progressivamente sua voz literária. Em 1889, transferiu-se para o Rio de Janeiro, em um movimento que pode ser interpretado como um exílio voluntário, motivado pelo desejo de afastar-se dos comentários e perseguições que sofria em sua cidade natal. Sua escrita tornou-se cada vez mais esparsa, e ela passou a dedicar-se ao magistério, levando uma vida discreta. A partir de 1902, sua produção literária cessou por completo, a ponto de alguns contemporâneos acreditarem que ela havia falecido.

### **Considerações Finais**

A análise da condição feminina no Brasil evidencia uma dualidade entre a pesquisa acadêmica e o ativismo político. Nos Estados Unidos, o feminismo radical foi um fator importante na luta pelos direitos das mulheres, enquanto, no Brasil, a reflexão sobre a experiência feminina se concentrou mais na construção de uma identidade própria e no resgate da história das mulheres. (Priore, 2021) e Norma Telles (2025), ao discutirem o feminismo, identificam que as mulheres brasileiras têm se empenhado em compreender seu passado para moldar seu futuro, sem, contudo, adotar uma postura de antagonismo em relação aos homens.

O feminismo no Brasil se desvia da ideia de confronto direto com os homens, buscando, em vez disso, transformar as relações de gênero e afirmar as mulheres como sujeitos plenos de direitos e cidadania. Essa perspectiva privilegia a reconfiguração das dinâmicas sociais e a ampliação da participação feminina em diferentes esferas, em lugar da simples polarização entre os sexos.

Embora o contexto histórico do século XIX tenha sido desafiador para as mulheres, o Brasil tem registrado avanços significativos nas últimas décadas. A Constituição de 1988, por exemplo, consolidou direitos trabalhistas e sociais que beneficiaram diretamente as mulheres, como a isonomia salarial formalmente prevista e a ampliação da licença-maternidade. Além disso, a presença feminina no mercado de trabalho cresceu de forma expressiva: 54,6% das inscrições na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 1996 foram realizadas por mulheres, em contraste com 34,3% em 1975 (Priore, 2021).

As mulheres também têm conquistado um espaço significativo em cargos jurídicos, ocupando 64,2% das vagas na Defensoria Pública e 61,1% no Ministério Público. No entanto, apesar desses avanços, as desigualdades de gênero ainda são persistentes. As mulheres continuam a dedicar três vezes mais tempo que os homens às atividades domésticas e parentais, e a representação política feminina permanece baixa, o que ainda reflete um bastião de desigualdade nas estruturas de poder.

A análise da trajetória de Narcisa Amália reitera o papel decisivo de seu gênero no processo de apagamento de sua obra do cânone literário brasileiro oitocentista. Evidenciou-se, ao longo desta pesquisa, que a marginalização das vozes femininas decorre de estruturas históricas e culturais profundamente arraigadas, que privilegiaram autores homens e relegaram as escritoras à invisibilidade, mesmo diante de contribuições estéticas e intelectuais expressivas.

O estudo sistemático de sua produção, em especial da obra *Nebulosas* e dos textos jornalísticos, comprova a amplitude temática e a potência discursiva da autora, que soube articular críticas à desigualdade de gênero, ao patriarcado e às restrições impostas à mulher de sua época. Narcisa Amália demonstrou, tanto em sua poesia quanto em sua atuação na imprensa, notável capacidade de transitar entre o íntimo e o político, revelando autonomia intelectual e coragem para desafiar as normas sociais vigentes.

Constatou-se, ainda, que a exclusão de Narcisa Amália não foi caso isolado, mas sintoma de um processo sistêmico de silenciamento e deslegitimação da autoria feminina no Brasil, mecanismo alimentado por critérios de avaliação marcados pelo preconceito de gênero e por práticas institucionais discriminatórias. Ressalta-se, portanto, a importância de uma revisão crítica da historiografia literária, que considere a pluralidade de sujeitos e resgate a memória de escritoras marginalizadas.

As conquistas recentes no reconhecimento dos direitos das mulheres e o avanço de políticas públicas inclusivas sinalizam mudanças positivas, mas não se pode afirmar que esteja resolvida a questão da igualdade de gênero no campo literário ou no espaço social em sentido amplo. Persistem desafios estruturais que exigem esforços contínuos de revisão, reparação e valorização das trajetórias de mulheres como Narcisa Amália, para que novas gerações encontrem referências plurais e emancipadoras em nossa literatura.

Por fim, este trabalho almeja contribuir para o resgate da memória e do legado de Narcisa Amália, evidenciando a centralidade do debate de gênero na constituição do cânone brasileiro e destacando a urgência de avançar na construção de uma historiografia mais inclusiva, justa e representativa da diversidade intelectual que compõe o patrimônio literário nacional.

## Referências

AMÁLIA, N. A mulher no Século XIX. *In*: RAMALHO, C. (org.). **Um espelho para Narcisa: reflexos de uma voz romântica**. Rio de Janeiro/RJ: Elo, 1999. p. 128–132.

AMÁLIA, N. **Nebulosas**. 2. ed. Rio de Janeiro/RJ: Gradiva, 2017.

BARBOSA, G. O. A. Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália. **ANPUH - XXII Simpósio Nacional de História**, [s. l.], p. 1–7, 2003.

BARBOSA, G. O. A. Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2003, João Pessoa/PB. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa/PB: Associação Nacional de História, 2003. p. 1–7.

COUTINHO, E. F. Literatura Comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador/BA, v. 3, n. 3, p. 67–74, 2024.

DURÃO, F. A. Variações sobre os equívocos do debate do cânone. **Remate de Males**, Campinas/SP, v. 34, n. 2, p. 613, 2014.

FAEDRICH, A. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. **Revista SOLETRAS**, Rio de Janeiro/RJ, v. 0, n. 34, p. 237–253, 2017.

FILHO, C. B. F.; FREIRE, Z. R. N. dos S. a Invisibilidade Da Escrita Feminina Na Literatura Brasileira Oitocentista: Maria Firmina Dos Reis – Uma Maranhense Rompendo Barreiras E Fazendo História. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba/PR, v. 6, n. 10, p. 83150–83161, 2020.

NUNES, M. E. R. **Romance histórico contemporâneo: com a palavra, a mulher**. 2011. 1–228 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

OLIVEIRA, J. da S.; RAMOS, I. N. A. O anjo doméstico que perturbou as escritoras do Século XIX. **Revista Athena**, Cáceres/MT, v. 19, n. 2, p. 68–85, 2020.

PRIORE, M. Del. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo/SP: Contexto, 2004.

PRIORE, M. Del. Mulher, mulheres: ontem e hoje. *In*: PEREIRA, H. B. C. (org.). **A mulher na literatura**. 1. ed. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 2021. (Coleção Diversos). p. 15–22.

SILVA, M. A. da. Ideologias Literárias da cor na Reconfiguração do Cânone Brasileiro. **Revista de Literatura Brasileira**, Porto Alegre/RS, v. 33, n. 61, p. 95–112, 2020.

TELLES, N. **As mulheres loucas da literatura**. São Paulo/SP, 2025.

TERNERO, N. R.; NUNES, A. M. Literatura e Jornalismo no Oitocentos: O Discurso da Poetisa Narcisa Amália em favor da Instrução Intelectual da Mulher no Semanário O Sexo Feminino. **Revista (Entre Parênteses)**, Alfenas/MG, v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/1084>. Acesso em: 23 out. 2025.